

Pandemias e transformações globais: Covid-19 à luz das experiências históricas

Tiago Appel

Doutor em Economia Política Internacional pelo PEPI/UFRJ, professor do curso de graduação em Relações Internacionais da Unilasalle-RJ

1. Introdução

Em tempos de pandemia, muito se fala sobre o fim da hiperglobalização de bens e capitais, o recrudescimento da xenofobia e do nacionalismo, e o fracasso das organizações multilaterais como a Organização das Nações Unidas e a União Europeia em produzir respostas aos problemas de nossa era (Milani, 2020; Bosoer e Turzi, 2020; Pessoa, 2020). Pensadores de vários matizes ideológicos vêm tecendo opiniões sobre como será o mundo no pós-epidemia e a maioria aposta em um provável retraimento mais que passageiro da globalização, com consequentes danos às chamadas cadeias globais de valor e a possibilidade de reindustrialização de vários países que haviam terceirizado parte de seu tecido produtivo, especialmente no lado ocidental (Kissinger, 2020; Visentini, 2020; Ribeiro e Ungaretti, 2021). Concomitantemente, estes variados teóricos preveem aumento do protecionismo industrial, desconfiança para com instituições multilaterais e fortalecimento dos sistemas públicos de saúde e de redistribuição de

renda[1].

Queremos neste texto contribuir para este debate de duas maneiras.

Perguntamos, primeiramente: de que forma uma análise das maiores pandemias da história e suas consequências devastadoras pode nos ajudar a traçar hipóteses sobre os efeitos de médio e longo prazo do Covid-19? Em seguida, apresentamos a visão geopolítica de dois autores aclamados no debate político norte-americano e analisamos até que ponto o Covid-19 pode ser considerado um momento de ruptura no sistema internacional, de acordo com a sua visão. Estes pensadores são Peter Zeihan, um geoestrategista que trabalhou sob a supervisão de George Friedman na plataforma de inteligência Stratfor, e mais tarde criou a própria empresa de consultoria (Zeihan on Geopolitics); e John Mearsheimer, um consagrado cientista político conhecido por sua visão realista no campo das relações internacionais e suas críticas às administrações Bush e Obama. Veremos que os dois percebem a crise do Covid-19 não como o início de uma ruptura na ordem liberal internacional das últimas décadas, mas como o provável desfecho de um processo que

já caminha a passos largos pelo menos desde o início do século XXI.

Trabalhamos neste artigo com a seguinte hipótese: a pandemia atual está, sim, acelerando processos de aumento de fronteiras, intensificação de conflitos entre potências e desglobalização, mas as consequências da pandemia do Covid-19 podem ser melhor compreendidas à luz de pandemias históricas que tiveram efeitos geopolíticos e socioambientais comparáveis. Em outras palavras, arriscamos a hipótese de que a história ambiental alterna entre períodos de maior conectividade – inclusive de patógenos, que levam às pandemias – e períodos subsequentes de retraimento político-econômico-cultural.

Este artigo está dividido da seguinte forma. Na próxima seção, com base na revisão de selecionada literatura na área de história ambiental e história da medicina, traçamos um breve resumo das principais pandemias históricas e suas consequências regionais ou mesmo globais. Na terceira seção, dialogamos com a visão de mundo de Zeihan e Mearsheimer. Por fim, tecemos considerações finais.

2. Pandemias históricas e suas consequências

Nossos ancestrais mais remotos viviam em grupos de caçadores-coletores que habitavam esparsamente o território e, portanto, tinham pouco oportunidade de

espalhar doenças para fora de sua vizinhança imediata. Com a Revolução Agrícola, as tribos de caçadores-coletores abandonaram seu estilo de vida nômade e se organizaram em comunidades sedentárias. Com a sedentarização veio o aumento da densidade demográfica e seres humanos e animais de criação passaram a compartilhar o mesmo espaço, o que deu origem às chamadas zoonoses, doenças transmitidas entre humanos e animais não-humanos, como o Covid-19. Estas zoonoses devem ter acompanhado a evolução das primeiras cidades, nos primeiros milênios que antecederam a Era Comum, mas elas não se tornariam pandemias até que os primeiros estados se expandissem e virassem civilizações mercantis ou impérios de vastas dimensões.

Uma das primeiras pandemias de que temos registro assolou a cidade de Atenas durante a Guerra do Peloponeso (431-404 AEC) e, conforme conta o historiador Tucídides, surgiu na Etiópia e espalhou-se em direção ao Egito e ao Mediterrâneo [2]. Quinhentos anos mais tarde, quando o Mediterrâneo estava sob o domínio das legiões romanas, uma nova pandemia, a Praga Antonina (165-180 EC) [3], acompanha os soldados romanos que voltavam da Mesopotâmia e devasta a capital do império (Harper, 2017). Acredita-se hoje que esta tenha sido uma das primeiras epidemias de varíola a afetar o continente europeu, uma doença devastadora à qual retornaremos mais

adiante. A Peste Antonina e surtos subsequentes de varíola são elencados como fatores que estagnaram a expansão do Império Romano, a partir do final do século II, e que podem ter contribuído para a queda de sua vertente ocidental, no século V (Harper, 2017).

Seu sucessor, o Império Bizantino, testemunhará a própria epidemia de grandes proporções na forma da Praga Justiniana [4], em 541-549 EC, mas que voltará de forma intermitente até meados do século VIII. A bactéria responsável foi identificada como *Yersinia Pestis*, causadora da Peste Bubônica e transmitida através de pulgas carregadas por ratos. Hoje, a peste bubônica pode ser facilmente tratada com antibióticos, mas como estes não existiam antes do século XX, estima-se que as várias ondas de peste que assolaram o Império Bizantino podem ter matado mais de 30% da sua população, decimando a sua economia e seu exército (Sessa, 2019). Assim, embora haja extensa literatura debatendo as causas do fim do Império Romano (Gibbon, 2000; Scheidel, 2019), *Yersinia Pestis* inadvertidamente contribuiu para o fim de uma civilização, facilitando a perda da maior parte dos territórios italianos no século VI e enfraquecendo o império perante o avanço de Muhammad e seus seguidores, no século seguinte (Sessa, 2019). Com efeito, muito se debate sobre as causas da rápida expansão dos árabes sob o primeiro califado, o Califado Ortodoxo (632-661 EC), que em poucos anos

conseguiu conquistar regiões do Norte da África, a Palestina, a Síria, e até mesmo o que hoje é o Irã, este último à época sob o domínio do Império Sassânida. Acredita-se que não fosse a destruição da peste, que também abalou a capital sassânida de Ctesifonte, os guerreiros árabes, por mais motivados pela nova fé e habilidosos que fossem, não teriam sido capazes de lograr conquistas territoriais tão vastas em tão pouco tempo (Pamuk e Schatzmiller, 2014).

A próxima grande pandemia a deixar marcas profundas no continente eurasiático também foi causada pela mesma bactéria, e ficou conhecida na história como a Peste Negra (1346-1353 EC). Provavelmente originada na Ásia Central, a peste chegou ao Mar Negro nos anos 1340 e, através das redes de comércio usadas pelos mercadores italianos, alcançou a Sicília em 1347, a partir da qual atingiu a maior parte da Europa em poucos anos. Tal como a Peste de Justiniano, as consequências da Peste Negra foram devastadoras e de longo prazo. A estimativa mais conservadora coloca que apenas na Europa a população caiu de 85 para 60 milhões, e proporções similares também se observaram na China e na Índia (Brooke, 2014). O historiador John Brooke (2014) descreve a Peste Negra como um ponto crítico de inflexão, uma ruptura profunda que afetou a sociedade, a economia e a cultura. Quase imediatamente, os europeus responderam à crise com uma grande intensificação da religiosidade,

manifestada em presságios milenaristas, surgimento de novos cultos – e uma correspondente diminuição da autoridade do clero – e mesmo pogroms contra os judeus. Além disso, o novo medo de viajar grandes distâncias, o rechaço às autoridades estabelecidas, e o aparecimento de grandes doações monetárias levaram à criação de instituições “nacionais”, como universidades e centros de aprendizado, contribuindo para uma fragmentação da unidade medieval cristã e abrindo portas para uma maior identidade nacional.

A experiência da peste também afetou a sabedoria medicinal de então. O historiador Samuel Cohn (2002) relata que os médicos da época começaram a desconfiar da sabedoria dos antigos, aprendendo através da experiência que as doenças não eram causadas pelo alinhamento das estrelas (ou outras superstições), mas pelo contágio, e assim os novos médicos começavam a se comprometer com um novo empirismo, que segundo Cohn pode ter contribuído com a ainda distante Revolução Científica. Diretamente conectadas com este empirismo estavam as quarentenas e o quase instintivo distanciamento social praticado pelas classes médias e altas da Europa. Como a Europa não ficaria livre das várias ondas da peste até o início do século XVIII, quarentenas nos portos e períodos de reclusão entre os mais abastados virariam norma.

Por último, o trabalho do

historiador econômico Robert Allen (2001) nos mostra que, pelo menos na Inglaterra, onde temos bons dados estatísticos, os trabalhadores urbanos e rurais que sobreviveram às primeiras ondas da peste passaram a desfrutar de uma qualidade de vida – medida em quantidade e qualidade de comida – nunca antes atingida na Idade Média e que também nunca seria novamente atingida antes do século XIX (ver também Scheidel, 2017). Isto aconteceu porque a população europeia foi dizimada pela peste, e numa época pré-industrial em que o principal fator de produção era, além do trabalho, a terra, o súbito declínio populacional fez com que os proprietários de terra tivessem que pagar salários muito maiores para atrair os agora “escassos” trabalhadores, que por sua vez podiam demandar condições de trabalho e vida melhores. Em outras palavras, no jargão do economista o trabalho tornou-se um fator de produção escasso em relação à terra, o que aumentou o poder de barganha dos detentores do primeiro.

A próxima pandemia teve efeitos ainda mais catastróficos nas regiões “virgens” que ela assolou. Estamos falando, é claro, do resultado das grandes navegações portuguesas e espanholas que colocaram seus marinheiros e soldados em contato com os nativos das Américas, que não tinham desenvolvido nenhuma imunidade contra doenças infecciosas da eurásia, como a varíola. Em menos de 150 anos, a população ameríndia se

reduziu em mais de 80% (Diamond, 1997; Crosby, 1972; McNeill, 1976) como resultado direto da guerra, conquista, fome e exploração, mas principalmente como vítimas das doenças do velho mundo, como a varíola, o sarampo e o tifo. À medida que os impérios europeus colonizavam o mundo, doenças das terras conquistadas também viajavam para o velho continente, como a sífilis (Américas) e doenças tropicais como a febre amarela e a malária, cujos patógenos espalhavam-se pelo mundo dentro de mosquitos que acompanhavam os navios (Centeno e Enriquez, 2016).

No século XIX, com a primeira verdadeira integração mundial pelos mares, uma das doenças mais temidas era a infecção da cólera, que podia matar por desidratação em 48 horas. Surgida provavelmente no subcontinente indiano e viajando pelo globo em ondas pandêmicas, a cólera devastou quase todas as grandes metrópoles de então. Uma das suas consequências, no entanto, foi um grande avanço na saúde pública, criando uma verdadeira transformação na infraestrutura urbana, com o aparecimento de esgotos e sistemas de tratamento de água, sem falar no aumento dos gastos públicos necessários para criar esta infraestrutura (Evans, 1992). Assim, novas noções de saúde pública e do papel do Estado levaram, bem antes do aparecimento dos antibióticos, a uma grande diminuição na taxa de mortalidade da cólera e outras

doenças infecciosas como o tifo e a tuberculose, também tornadas menos letais pela grande melhora na nutrição da população em geral a partir da segunda metade do século XIX (em especial no Ocidente).

A última grande pandemia que precisamos analisar, frequentemente comparada com a atual pandemia do Covid-19, é a pandemia da Gripe Espanhola (1918-20) [5], causada pelo vírus Influenza. A integração econômica global do início do século XX, bem como o transporte de soldados em plena Primeira Guerra Mundial, fez com que a doença se espalhasse rapidamente, contaminando aproximadamente 500 milhões de pessoas (ou aproximadamente 25% da população mundial) e matando, na estimativa mais conservadora, 20 milhões de pessoas, ou 1% da população mundial (Spinney, 2017). Sua virulência era ainda mais preocupante considerando que, diferentemente do padrão das gripes comuns, a gripe espanhola era tão letal para jovens adultos quanto para idosos ou crianças. Para além da sua letalidade, entre as suas consequências mais notáveis podemos notar, de forma parecida com o atual caso do Covid-19, um reforço das noções de distanciamento social e da necessidade de quarentenas (Harris, 2018). Nos Estados Unidos, por exemplo, cujo território não sofreu diretamente com a Primeira Guerra, os vários estados puderam implementar medidas como a obrigação do uso de máscaras e *lockdowns*. Em um estudo

recente, verificou-se que cidades que implementaram o distanciamento social de forma mais rigorosa, como Columbus, Ohio, sofreram taxas de mortalidade menores do que cidades como a Filadélfia, na Pensilvânia, onde grandes desfiles para aumentar o moral em tempos de guerra contribuíram para maiores taxas de infecção (Strochlic e Champine, 2020).

3. A pandemia do Covid-19 e suas interpretações

O novo vírus Sars-CoV-2, ou Covid-19, foi primeiramente observado em Wuhan, na China, e com a alta conectividade dos dias de hoje, se espalhou rapidamente pelo mundo. Em março de 2020, o diretor da Organização Mundial da Saúde declara que estamos enfrentando uma nova pandemia. Um ano depois, no início de abril de 2021 (momento em que escrevemos estas palavras), a pandemia já ceifou perto de três milhões de vidas, mas ainda apresenta uma taxa de letalidade menor do que as doenças analisadas acima. Isto pode nos levar a crer, como argumenta o cientista político Daniel Drezner (2020), que desde o fim do século XIX os avanços na medicina, nutrição e saneamento amorteceram os efeitos catastróficos e potencialmente transformadores das grandes pandemias, que teriam deixado de ser um dos clássicos cavaleiros do apocalipse bíblicos, brilhantemente parafraseados no recente livro de Walter Scheidel (2017) [6]. De fato,

Daniel Drezner (2020) nem mesmo reconhece a gripe espanhola como um grande evento transformador, em pé de igualdade com as grandes pandemias do passado mais distante. Tendo como pano de fundo este breve histórico das pandemias históricas e suas consequências, passemos, nas próximas duas subseções, a analisar como Peter Zeihan e John Mearsheimer descortinam sua visão de mundo e analisam os possíveis efeitos transformadores do Covid-19.

3.1 A volta da geografia e o fim do mundo que nós conhecemos

Numa série de três obras, Peter Zeihan busca nos convencer de que o mundo em que vivemos nos últimos 75 anos é, do ponto de vista histórico, absolutamente anormal [7]. Quando os aliados avançaram sobre Berlim em maio de 1945, os Estados Unidos da América (EUA) se depararam com uma situação preocupante: a União Soviética havia liberado muito mais território que os norte-americanos no final da Segunda Guerra Mundial e ameaçava tornar realidade o antigo medo de Halford Mackinder (1904), o domínio do continente Eurasiático por uma potência do Heartland. Para combater o pesadelo russo, os EUA, a maior e mais poderosa economia do mundo em 1945, efetivamente criaram o sistema internacional como nós o conhecemos. Nesta nova ordem pós-1945, qualquer país que se aliasse aos EUA poderia comprar matéria-prima em (quase)

qualquer região do mundo, trabalhá-la e transformá-la em bens acabados, e vendê-los em troca de moeda forte, principalmente no próprio mercado norte-americano. No entendimento de Zeihan, a geografia foi “desligada”. Nem mesmo o Império Britânico no auge de seu poder podia garantir acesso a mercados em todo o mundo, pois os britânicos eram “apenas” um entre vários impérios com suas excludentes zonas econômicas de proteção.

Com esse suborno econômico em troca da aceitação de sua agenda de segurança, os norte-americanos foram, um por um, “comprando” antigos inimigos de guerra como a própria Alemanha e o Japão, reconstruídos com o seu dinheiro, e transformados em protetorados militares e aliados econômicos preferenciais do gigante americano. Até mesmo a China, quando do histórico encontro entre Nixon e Mao em 1972, torna-se participante desta globalização antissoviética criada pelos Estados Unidos.

No entanto, continua Zeihan, um dia os alemães derrubaram o Muro de Berlim e a Guerra Fria acabou. Numa série de seis mandatos subsequentes (Clinton, Bush e Obama), os presidentes norte-americanos fizeram política externa em um *modus operandi* quase inercial, ignorando que as instituições e alianças criadas na época da Guerra Fria já não faziam mais sentido agora que a ameaça nuclear soviética pertencia ao passado. As primeiras fissuras neste sistema de

alianças vieram – depois de 10 anos de incontestável unipolaridade e hegemonia cultural estadunidense – após a Guerra ao Terror, que nunca conseguiu convencer aliados como a França e a Alemanha de que o terrorismo era uma ameaça existencial. No mesmo ano (2001-2) se dá a implementação do Euro, concebido para retirar um continente inteiro do sistema do dólar, algo que para os EUA só poderia ter soado como o segundo alarme da traição, já que a existência de 15 economias capitalistas democráticas vivendo em coexistência pacífica na Europa parecia ter sido obra, em primeiro lugar, da própria garantia de segurança dada pelos norte-americanos.

Os 15 anos subsequentes viram, pouco a pouco e acelerando-se com o governo Obama, um retraimento dos norte-americanos em direção a assuntos internos e uma falta de disposição para intervir diretamente em tabuleiros distantes. Trump coroou o processo com a rápida retirada de tropas norte-americanas do exterior, a descrença nas instituições multilaterais e nos tratados de segurança (como a Organização do Tratado do Atlântico Norte), e a disposição de fechar o seu mercado até mesmo para antigos aliados. O mais importante, no entanto, é que Donald Trump foi o primeiro presidente norte-americano em 25 anos a repensar o papel da grande potência em um mundo onde não havia mais, explicitamente, grandes ameaças à segurança norte-americana e onde, portanto, os

subsídios econômicos dados a aliados geopolíticos da época da guerra fria passavam a parecer caros demais.

Para muitos países, assinala Zeihan, o abandono por parte dos EUA da globalização que eles mesmos gestaram não poderia ser mais catastrófico. Países como Alemanha, China, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Irã, por exemplo, teriam muita dificuldade para sustentar economias modernas e dinâmicas fora da Pax Americana. Além disso, teriam provavelmente que rever as suas políticas de segurança e prestar muito mais atenção ao seu entorno regional. Temendo a Rússia, a Alemanha poderia se ver obrigada a iniciar uma escalada armamentista se não pudesse mais contar com a garantia de segurança e o guarda-chuva nuclear norte-americanos. O mesmo se aplica ao Japão, Coreia e China, que teriam mais dificuldade em garantir o seu acesso a matérias primas, energia e mercados se suas principais rotas comerciais não fossem mais garantidas pelo policial global, isto é, a marinha norte-americana. Também não é difícil prever o que aconteceria com a segurança regional do Oriente Médio, a circulação do petróleo, e a “guerra fria” entre Arábia Saudita e Irã se os Estados Unidos retirassem totalmente as suas tropas e seus interesses da região.

Para concluir a análise de Zeihan, em um mundo em que a geografia is turned back on again, apenas prosperarão aqueles países que já conseguiam funcionar relativamente

bem anteriormente à Pax Americana, isto é, países que possuem relativo isolamento geográfico ao mesmo tempo que dispõem de boa infraestrutura de comunicação interna (ex: vias navegáveis), além de ser capazes de obter com pouco esforço – produzindo em casa ou apoderando-se de vizinhos – os recursos básicos à existência de modernas economias industriais, como alimentos, minérios e energia.

Neste sentido, é fácil perceber como a pandemia atual exacerba as tendências enxergadas pelo autor, especialmente no que diz respeito aos Estados Unidos: um aumento do nacionalismo econômico e político, uma desconfiança das organizações e regimes internacionais, e um retraimento estratégico. E com este retraimento viria a volta da geografia e das velhas disputas por recursos e territórios do mundo pré-1945, especialmente entre aqueles países que não pudessem se dar ao luxo do “isolamento esplêndido” outrora tão advogado pelos próprios estado-unidenses. Na leitura de Peter Zeihan, o Brasil infelizmente é um dos muitos países que sofrerão uma “correção econômica para baixo” no cenário pós-pandemia. Muito do nosso desenvolvimento no pós-guerras foi do tipo “a convite”[8], e nossa geografia interna não é das mais propícias para a integração econômica em um mundo de escasso e caro capital. De qualquer jeito, o Brasil também se beneficiou menos da globalização do que alguns países da Europa e Leste e Sudeste

Asiáticos – muitos dos quais exportam metade de sua produção –, e por isso também temos menos a perder.

3.3 O fim da ordem liberal internacional

Em *Bound to Fail: the rise and fall of the liberal international order* (2019), o cientista político John Mearsheimer parte de pressupostos diferentes, mas chega a conclusões parecidas com as de Peter Zeihan. Em contraste ao geoestrategista, Mearsheimer acredita que a ordem liberal internacional é ainda mais recente, datada do fim da Guerra Fria. Só após a Guerra Fria a ordem mundial teria se tornado efetivamente internacional, pois antes o mundo estava dividido em duas *bounded orders* rivais, e a ordem soviética não fazia parte, *in toto*, da globalização norte-americana. Com a vitória norte-americana, no entanto, o mundo passou a ser regido por uma ordem internacional em que o hegemom tinha três objetivos explicitamente liberais: (1) disseminar pelo mundo as democracias, (2) promover a abertura econômica, (3) e integrar Estados às instituições multilaterais. Exemplos deste comportamento podem ser encontrados na política clintoniana de alargamento da Organização do Tratado do Atlântico Norte e envolvimento (*engagement*) com a China, e na doutrina neoconservadora de Bush filho, de tentativa de construção de democracias liberais no Grande Oriente Médio.

Infelizmente, para Mearsheimer os anos dourados desta ordem global liberal duraram pouco, de aproximadamente 1990 a 2004. A partir de 2005, no mais tardar, as ocupações no Iraque e Afeganistão davam sinais de que seriam caras e impopulares. Em 2008 vinha a grande crise financeira internacional e no início da década seguinte livros sobre a “volta da geopolítica” começavam a abundar [9]: havia ficado claro que a integração de potências como a China e a Rússia à ordem mundial não necessariamente vinha acompanhada da transição democrática sonhada pelos liberais.

Para Mearsheimer nada disso era surpresa, entretanto. O autor argumenta que a “nova ordem americana” continha as sementes da própria destruição pelos seguintes motivos: (1) para a decepção dos neoconservadores, há alternativas viáveis à democracia liberal e guerras intermináveis de propagação quase religiosa dos valores ocidentais estavam fadadas a produzir crescente antiamericanismo; (2) a ordem liberal internacional se opõe ao nacionalismo, uma ideologia muito mais antiga e motivadora da paixão humana; (3) a chamada hiperglobalização causa muitos problemas econômicos e sociais, algo percebido e propagandeado pela campanha que elegeu Donald Trump; (4) por último, os “subsídios econômicos” dos EUA à China, provavelmente o país que mais se beneficiou da globalização, efetivamente minaram a unipolaridade

ao criar um rival econômico à altura dos Estados Unidos.

Diferentemente de Zeihan, Mearsheimer é mais otimista em relação à capacidade de a China sobreviver fora da Pax Americana e defende que estamos caminhando em direção a uma nova bipolaridade, que dividirá o mundo em duas esferas concorrentes, a da China e a dos Estados Unidos. Em parte, isto já pode ser observado pelas previsões de desacoplamento econômico entre os dois países no pós-Covid [10] e por ensaios de criação de “esferas de coprosperidade”, como a recém-assinada Parceria Econômica Regional Abrangente na Ásia-Pacífico (com a liderança chinesa) e o fortalecimento dos laços entre EUA e antigos aliados, como o Reino Unido. Qual será o lugar do Brasil nesta nova bipolaridade? Para Mearsheimer o Brasil não é um dos países que automaticamente se alinharão a um dos dois blocos, mas a escolha pela China será muito dificultada por um possível veto militar norte-americano. Afinal, o Brasil se localiza no que os Estados Unidos consideram o seu entorno estratégico e pouquíssimos países têm capacidade de projeção militar em águas azuis e, especificamente, nas águas da América do Sul, a China por enquanto ainda não sendo um deles. Isto não sugere, é claro, uma adesão automática à polaridade norte-americana, mas lembra os leitores mais afeitos a uma aliança com a China que, em um mundo pós-liberal de revigorados condicionantes geográficos, esta estará

preocupada com questões e tabuleiros geopolíticos mais determinantes para a sua sobrevivência material.

Para concluir, a visão de ambos os autores antecipa o fim da globalização como nós a conhecemos, veem os fenômenos Donald Trump e Brexit (entre outros) como mais uma consequência do que uma causa das tensões do sistema internacional, e apontam que os movimentos nacionalistas em resposta ao Covid-19 vieram para ficar. Igualmente, as duas visões percebem a pandemia atual não como um evento de grande deflagração de mudança no status quo, mas de reforço de tendências em direção a um mundo mais caótico e inseguro.

4. Considerações Finais

Da mesma forma que os estados da Europa Ocidental se “mercantilizaram” como forma de lidar com o colapso político, social e econômico ensejado pela peste negra, as previsões que acompanhamos neste breve artigo apontam para um mundo pós-Covid com maior acirramento de disputas geopolíticas, fechamento de fronteiras e movimentos nacionalistas de todos os matizes. Procuramos delinear que os vários “sistemas-mundo” históricos eram não só caracterizados pela circulação de ideias, pessoas, bens, e capitais, mas também de patógenos, e que a história ambiental alterna entre períodos de maior conectividade e períodos subsequentes de retraimento político-

econômico-cultural, como testemunhamos, por exemplo, após as Pestes Antonina, Justiniana e Negra. A Gripe Espanhola também seria uma candidata à reversão do pêndulo, não fossem os seus efeitos quase impossíveis de separar das consequências da Primeira Guerra Mundial, que levaram ao fortalecimento do populismo em alguns países (ex: Alemanha), mas que levaram também a grande florescimento e abertura cultural em metrópoles como Paris, Nova Iorque, Los Angeles, Chicago e Londres.

Adicionalmente, procuramos mostrar que as pandemias nem sempre são forças exógenas que impactam o sistema de forma autônoma, mas amiúde são gatilhos de transformações em curso, cuja origem está na contradição entre os percebidos benefícios e atritos da globalização. Por mais que seja complicado falar em globalização antes do século XIX, é possível observar na história um padrão de reação das elites aos supostos excessos da interconectividade com mais controle de fluxos, mais controle de população e Estados mais fortes. Assim, mesmo que muito provavelmente a atual pandemia do Covid-19 não repita o mesmo grau de destruição política e social das pestes de outrora, é possível prever, como fazem Peter Zeihan e John Mearsheimer, que enfrentaremos uma época de menor conectividade e maior mercantilização do sistema internacional, com todos os choques e oportunidades que isto possa ensejar.

Referências Bibliográficas

- ALLEN, Robert C. 2001. "The Great Divergence in European Wages and Prices from the Middle Ages to the First World War". *Explorations in Economic History*, vol. 38, pp. 411–447.
- BOSOER, F.; TURZI, M. 2020. "La pandemia del 2020 en el debate teórico de las Relaciones Internacionales". *Geopolítica(s). Revista de estudios sobre espacio y poder*, 11(Especial), pp. 153-163.
- BROOKE, John L. 2014. *Climate change and the course of global history: a rough journey*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- CENTENO, Miguel A.; ENRIQUEZ, Elaine. 2016. *War and Society*. Cambridge: Polity Press.
- COHN, Samuel Kline. 2002. *The Black Death Transformed: Disease and Culture in Early Renaissance Europe*. Londres: Arnold.
- CROSBY, Alfred W. 1972. *The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492*. Westport, CT: Greenwood Press.
- DIAMOND, Jared. 1997. *Guns, Germs, and Steel*. Nova Iorque: W.W. Norton.
- DREZNER, Daniel. 2020. "The Song Remains the same: International Relations after Covid-19". *International Organization*, 74, pp. 1-18.
- EVANS, Richard J. 1992. "Epidemics and Revolutions: cholera in 19th century Europe". In: RANGER, Terence; SLAKC, Paul (eds.) *Epidemics and Ideas*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 149-173.
- FARIAS, Hélio Caetano. 2020. "Geopolítica e capacidades nacionais de defesa: um olhar sobre o cenário emergente em tempos de pandemia". *Observatório Militar da Praia Vermelha - OMPV*. Rio de Janeiro: ECEME.
- FIORI, José Luís. 2020. "O vírus, o petróleo e a geopolítica mundial". *Sul 21*, 17 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2020/04/o-virus-o-petroleo-e-a-geopolitica-mundial-por-jose-luis-fiori/>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- FRIEDMAN, George. 2011. *The Next Decade: what the world will look like*. Nova Iorque: Double Day Books.
- GIBBON, E. 2000. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Londres: Penguin.
- HAASS, Richard. 2020. "The Pandemic Will Accelerate History Rather Than Reshape It. Not Every Crisis Is a Turning Point". *Foreign Affairs*, 7 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-04-07/pandemic-will-accelerate-history-rather-reshape-it>. Acesso em: 31 mar. 2021.

- HARPER, Kyle. 2017. *The Fate of Rome: Climate, Disease, and the End of an Empire*. Princeton: Princeton University Press.
- HARRIS, James J. 2020. "H1N1 in the "A1 Empire". *Pandemic Influenza, Military Medicine, and the British Transition from War to Peace, 1918-20*". *Social History of Medicine*, Volume 33, Issue 2, pp. 604–621.
- IKENBERRY, Gilford John. 2020. "The Next Liberal Order": the age of contagion demands more internationalism, not less". *Foreign Affairs*, Julho/Agosto, 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/article/s/united-states/2020-06-09/next-liberal-order>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- KAPLAN, Robert. 2012. *The Revenge of Geography*. Nova Iorque: Random House.
- KISSINGER, Henry. 2020. "The Coronavirus Pandemic Will Forever Alter the World Order: The U.S. must protect its citizens from disease while starting the urgent work of planning for a new epoch". *Wall Street Journal*, 3 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-coronavirus-pandemic-will-forever-alter-the-world-order-11585953005>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- MACKINDER, Halford. 1904. "The geographical pivot of history". *The geographical journal*, vol. 170, n.4, pp. 298-321.
- MARSHALL, Tim. 2015. *Prisoners of Geography*. Londres: Elliott and Thompson Limited.
- MCNEILL, William. 1976. *Plagues and Peoples*. Nova Iorque: Anchor Books.
- MEARSHEIMER, John J. 2019. "Bound to fail: the rise and fall of the liberal international order". *International Security*, 43 (4), pp. 7–50.
- MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. 1999. "Padrões Monetários Internacionais e Crescimento". In: FLORI, José Luís (org.). *Estados e Moedas*. Petrópolis: Vozes, pp. 119-154.
- MILANI, Carlos. 2020. "COVID-19 between Global Human Security and Ramping Authoritarian Nationalisms". *Geopolítica(s). Revista de estudios sobre espacio y poder*, 11(Especial), pp. 141-151.
- PAMUK, Sevket; SCHATZMILLER, Maya. 2014. "Plagues, Wages, and Economic Change in the Islamic Middle East, 700–1500". *The Journal of Economic History*, Vol. 74, No. 1, pp. 196-229.
- PESSOA, Ronaldo Augusto Campos. 2020. "A geopolítica internacional e os efeitos da pandemia: uma nova ordem global em transição?" *Revista Rural & Urbano*, Recife. v. 05, n. 02, pp. 02-19.

- RESENDE, André Lara. 2020. “Será uma oportunidade de transformar o Estado cartorial e patrimonialista num Estado eficiente e a favor da população”. O Vale, 19 de Abril de 2020. Disponível em: https://www.ovale.com.br/_conteudo/_conteudo/brasil/2020/04/101919--sera-uma-oportunidade-de-transformar-o-estado-cartorial-e-patrimonialista-num-estado-eficiente-e-a-favor-da-populacao--diz--um-dos-autores-do-plano-real.html. Acesso em: 29 mar. 2021.
- RIBEIRO, Erik; UNGARETTI, Carlos. 2021. “COVID-19 e a crise da ordem liberal: aceleração do tempo histórico e mundo pós-ocidental”. Agenda Política, [S. l.], v. 8, n. 3, pp. 191–220.
- SCHEIDEL, Walter. 2017. *The Great Leveler: violence and the history of inequality from the Stone Age to the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press.
- SCHEIDEL, Walter. 2019. *Escape from Rome: the failure of empire and the road to prosperity*. Princeton: Princeton University Press.
- SESSA, Kristina. 2019. “The New Environmental Fall of Rome: A Methodological Consideration”. *Journal of Late Antiquity*, 12, no. 1, pp. 233–236.
- SPINNEY, Laura. 2017. *Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World*. Nova Iorque: PublicAffairs.
- STROCHLIC, Nina; CHAMPINE, Riley. 2020. “How some cities “flattened the curve” during the 1918 flu pandemic”. *National Geographic*, 27 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/how-cities-flattened-curve-1918-spanish-flu-pandemic-coronavirus>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- TUCÍDEDES. 2001. *História da Guerra do Peloponeso*. Prefácio de Helio Jaguaribe; Trad. do grego de Mário da Gama Kury. 4ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. 2020. “Breve nota sobre o impacto internacional da pandemia de 2020: contribuição para uma análise estratégica”. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v.9, n.17, pp. 9-14.
- ZEIHAN, Peter. 2014. *The Accidental Superpower: the next generation of American preeminence and the coming global disorder*. Nova Iorque: Twelve.
- ZEIHAN, Peter. 2017. *The Absent Superpower: the shale revolution and a world without America*. Zeihan on Geopolitics.
- ZEIHAN, Peter. 2020. *Disunited Nations: the scramble for power in an ungoverned world*. Nova Iorque: Harper Business.

ZIZEK, Slavoj. 2020. "Zizek vê o poder subversivo do Corona Vírus. Outras Palavras, 3 de Março de 2020. Tradução de Simone Paz. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-ve-o-poder-subversivo-do-coronavirus/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Notas

- (1) Ver também Zizek (2020); Fiori (2020); Farias (2020); e Resende (2020).
- (2) No livro II, parágrafos 52-53 da História da Guerra do Peloponeso (2001), Tucídides conta como a praga forçou os atenienses do campo a migrarem para a cidade, ceifou a vida do líder ateniense Péricles e estilhou as normas de funcionamento da sociedade: “pois a desgraça que os atingia era tão avassaladora que as pessoas, não sabendo o que as esperava, tornavam-se indiferentes a todas as leis, quer sagradas, quer profanas... Todos resolveram gozar o mais depressa possível todos os prazeres que a existência ainda pudesse proporcionar, e assim satisfaziam os seus caprichos, vendo que suas vidas e riquezas eram efêmeras. Ninguém queria lutar pelo que antes considerava honroso, pois todos duvidavam de que viveriam o bastante para obtê-lo” (2001:118).
- (3) Batizada assim, pois atingiu o império durante o reinado de Marcus Aurelius Antoninus.
- (4) Durante o reinado do Imperador Justiniano I.
- (5) Assim chamada não por ter surgido na Espanha, mas porque a pandemia recebeu maior atenção da imprensa espanhola já que o país não estava participando da Primeira Guerra e, portanto, não havia censura.
- (6) Em *The Great Leveller* (2017), o historiador Walter Scheidel sugere que, apesar da destruição e miséria causadas no curto-prazo, as únicas forças históricas capazes de realmente nivelar as desigualdades materiais são a guerra, as pestes, as revoluções, e os grandes colapsos estatais.
- (7) *The Accidental Superpower* (2014); *The Absent Superpower* (2017); *Disunited Nations* (2020).
- (8) Alusão ao termo desenvolvido pelos professores da UFRJ Carlos Medeiros e Franklin Serrano em *Padrões Monetários Internacionais e Crescimento* (1999). Por “desenvolvimento a convite” os autores se referem a uma série de políticas comerciais, cambiais e de investimento patrocinadas ou toleradas pelo hegemom para subsidiar um aliado por razões de segurança.
- (9) Ver, por exemplo, *The Next Decade: what the world will look like*, de George Friedman (2011), *The Revenge of Geography*, de Robert D. Kaplan (2012), e *Prisoners of Geography*, de Tim Marshall (2015).
- (10) Ver, por exemplo, Haass (2020) e Ikenberry (2020).

Resumo

De que forma as pandemias do passado podem trazer luz às transformações globais ensejadas pela atual pandemia do Covid-19? Neste artigo, lançamos a hipótese de que a história ambiental alterna entre períodos de maior conectividade – inclusive de patógenos – e períodos subsequentes de retraimento político-econômico-cultural. Para tanto, fazemos primeiramente um breve resumo de algumas das mais devastadoras pandemias históricas e suas consequências para depois dialogar com dois autores (Peter Zeihan e John Mearsheimer) que preveem um mundo pós-Covid com maior acirramento das disputas geopolíticas, fechamento de fronteiras e desglobalização.

Palavras-chave: Pandemias; Transformações Globais; Peter Zeihan; John Mearsheimer.

Abstract

In what way can past pandemics shed light on the transformations the international system is undergoing due to the current Covid-19 pandemic? In this paper, we hypothesize that environmental history alternates between periods of greater connectivity – including of pathogens – and periods of economic, cultural and political self-withdrawal. To test our hypothesis, we begin by summarizing some of the most devastating history-changing pandemics. In light of this, we consult the analysis of two political scientists (Peter Zeihan and John Mearsheimer) that forecast that the post-Covid world will be one of heightened geopolitical tensions, closing of borders and deglobalization.

Key-words: Pandemics; Global Change; Peter Zeihan; John Mearsheimer.